

EXÍLIO, RESISTÊNCIA E RAZÃO POÉTICA COM MARÍA ZAMBRANO

Thaise Maria Dias¹

Não é a si mesmo que o poeta busca, senão todos e cada um. E o seu ser é somente um veículo, somente um meio para que tal comunicação se realize.

*Maria Zambrano
{Poesia e metafísica}*

RESUMO: A presente proposta concentra-se em pensar a filosofia de María Zambrano como uma filosofia em trânsito e que, como tal, se configura como um modo de resistência à tragicidade de uma existência marcadamente agônica em que os dramas pessoais se agudizaram com as questões políticas do seu tempo, como a sublevação militar de 1936 que originou a guerra civil espanhola que culminou na imposição de um exílio que duraria quarenta e cinco anos. É na condição de exilada que Zambrano escreve. Escreve para lutar contra o despotismo. Escreve para tornar-se livre das circunstâncias que a assediam. É pela contramão que Zambrano faz suas travessias. Na errância, é do pensamento-poético que ela mais se aproxima. Soterrada por meros espaços, a filosofia é a trincheira eleita como seu único lugar. E quando o alheamento e a tirania lhe perseguem, é no rastro da subversão e da rebeldia que ela caminha. Nesse sentido, este texto é permeado por um descaminho, um desfiar, e é também uma correspondência com Zambrano, um diálogo que se estabelece com o suspense das distâncias, diluído no alívio das respostas; com o alento desenhando a letra cega da carta que não chega de Vélez-Málaga. É assim que penso a filosofia de Zambrano: como sua correspondente, sua cúmplice, partilhando uma intimidade selada de quem ainda hoje não se encontra em nenhum lugar senão no verso das coisas. Assim, caminhando sobre minhas próprias ruínas para chegar às páginas de Zambrano, violo destinos e rasuro as linhas do tempo na tentativa de apresentar o conceito de razão poética destacando o caráter imanente de fundação imposta pelo desterro, espécie de "rito iniciativo" como a própria filósofa descreve em "Carta sobre el exilio", um clamor para resistir a tirania que nos espreita.

Palavras-chave: María Zambrano. Exílio. Resistência. Razão poética. Travessia.

EXILE, RESISTANCE AND POETIC REASON WITH MARÍA ZAMBRANO

ABSTRACT: The present proposal focuses on thinking of María Zambrano's philosophy as a philosophy in transit and which, as such, is configured as a way of resisting the tragicity of a markedly agonizing existence in which personal dramas were exacerbated by the political issues of the her time, such as the military uprising of 1936 that gave rise to the Spanish civil war that culminated in the imposition of an

¹ Doutoranda pelo programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Mestra em Letras/Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Pesquisa a razão poética, exílio e autobiografia em María Zambrano. thaisediaz@yahoo.com.br

exile that would last forty-five years. It is as an exile that Zambrano writes. She writes to fight despotism. She writes to free herself from the circumstances that beset her. It is in the opposite direction that Zambrano makes her crossings. In wandering, it is the poetic-thought that she comes closest to. Buried by mere spaces, philosophy is the trench chosen by Zambrano as her only place to be. And when alienation and tyranny persecute her, it is in the wake of subversion and rebellion that this philosopher walks. In this sense, this paper is permeated by a misdirection, an unraveling, and it is also a correspondence with Zambrano, a dialogue that is established with the suspense of distances, diluted in the relief of the answers; with the breath drawing the blind handwriting of the letter that does not arrive from Vélez-Málaga. This is how I think Zambrano's philosophy: as her correspondent, her accomplice, sharing a sealed intimacy of someone who even today is nowhere but on the back of things. Thus, walking through my own ruins to reach the pages of Zambrano, I violate destinations and erase the timelines in an attempt to present the concept of poetic reason, highlighting the immanent character of a foundation imposed by exile, a kind of "initiative rite" like the Zambrano describes in "Carta sobre el exilio", a cry to resist the tyranny that stalks all of us.

Keywords: María Zambrano. Exile. Resistance. Poetic reason. Crossings.

Este texto pretende pensar a filosofia de María Zambrano como uma filosofia da travessia ou uma filosofia em trânsito e que, como tal, se configura como um modo de resistência à tragicidade de uma existência marcadamente agônica em que os dramas pessoais se agudizaram com as questões políticas do seu tempo, como a sublevação militar de 1936 que originou a guerra civil espanhola e culminou na imposição de um exílio que tem início em 29 de janeiro de 1939 quando María Zambrano atravessa a fronteira espanhola para um desterro que duraria quarenta e cinco anos, vividos entre o México, Cuba, França, Itália e Suíça. É na condição de exilada que Zambrano escreve. Escreve para lutar contra o despotismo. Escreve para tornar-se livre das circunstâncias que a assediam. Escreve para evitar desfigurar-se nos acontecimentos que assolam a Europa. É pela contramão que Zambrano faz suas travessias. Na errância é do pensamento que ela mais se aproxima e "engendra o exílio como motor estético por excelência" (MENDONÇA, 2004, p. 69).

Soterrada por meros espaços, a filosofia – esse "acontecimento radical da vida" (MORÃO, 2008, p.04) é a fronteira eleita como seu único lugar. E quando o alheamento e a tirania lhe perseguem, é então no rastro da subversão e da rebeldia que ela caminha. Portanto, este texto é permeado por um descaminho, um desfiar, e é também uma correspondência com Zambrano, um diálogo escrito com o suspense das

distâncias diluído no alívio das respostas; com o alento desenhando a letra cega da carta que não chega de Vélez-Málaga. É assim que penso a filosofia de Zambrano: como sua correspondente, sua cúmplice, partilhando uma intimidade selada de quem ainda hoje não se encontra em nenhum lugar senão no verso das coisas, na trincheira. Tento vencer de algum modo o exílio contemporâneo, esta solidão amordaçada que tortura o coração do poeta filósofo.

Assim, caminhando sobre minhas próprias ruínas para chegar às páginas de Zambrano, violo destinos e rasuro as linhas do tempo na tentativa de apresentar a filosofia zambraniana pela via da razão poética, destacando o caráter imanente de fundação imposta pelo desterro, espécie de “rito iniciativo” como a própria autora descreve em “*Carta sobre el exilio*”, um clamor para resistir a tirania que nos espreita. E tento superar também o exílio acadêmico que ainda se impõe à Zambrano. Apesar do nome de María Zambrano aparecer ao lado de pensadores como Camus, Arendt, Weil, Cioran, Ortega y Gasset pela relação de tempo que a filósofa compartilha com os colegas e, também, pela pertinência do pensamento dela, tão autoral, sua obra ainda não tem a mesma visibilidade.

Politicamente engajada, Zambrano publica seus primeiros ensaios em 1928 onde reivindica o direito de participação das mulheres na vida pública e denuncia a segregação das mesmas ao espaço doméstico. Para Juan Fernando Ortega Muñoz, professor emérito da Universidade de Málaga, fundador e diretor da Fundação María Zambrano e responsável pelas organizações *Introducción al pensamiento de María Zambrano* (1994) e *Algunos lugares de la poesía* (2007), Zambrano sustenta:

um pensamento novo, corajoso, realista, aberto e dialogante. Conciliava algo impossível para aquela época na Espanha: ser decididamente progressista, e no melhor sentido da palavra revolucionária, mas, ao mesmo tempo, respeitosa com a tradição; era de esquerda na política, mas profundamente religiosa, com uma religiosidade nem beata, nem “transmontana”, sendo reflexiva e rebelde, heterodoxa (MUÑOZ, 2007, p. 09).

Trata-se, portanto, de um pensamento em contraste com a filosofia tradicional e seus conceitos rígidos (SILVA, 2010) um pensamento que visa à reconciliação entre filosofia, poesia e mística, não apenas com a intenção de corrigir um erro histórico e conquistar alguma paz – o que já seria muito – mas com a intenção legítima que move qualquer filósofo: pensar da melhor maneira possível. Zambrano elabora o conceito de

razão poética com a intenção de ampliar as questões presentes na razão vital (raciovitalismo) de José Ortega y Gasset (1883-1955). Em *El tema de nuestro tiempo* (1994), Ortega y Gasset apresenta a formulação teórica do conceito de razão vital que visa o combate aos exageros do racionalismo que submete a vida à razão (ORTEGA Y GASSET, 1994, 203). A razão poética é, nesse sentido, a razão em sua instância mais autônoma. Um apaziguamento, “onde os secretos anseios se acalmam e a vida encontra seu espelho adequado” (ZAMBRANO, 2000, p. 50).

Desse modo, o que Zambrano apresenta é, sobretudo, a possibilidade de convergência que permite à filosofia e à poesia uma complementariedade sem que se percam uma na outra ou se anulem, como explica Zambrano:

inclinados a cultivar discernimentos e diferenças, tínhamos esquecido a unidade que reside no fundo de tudo o que o homem cria, pela palavra. É a “poiesis”, expressão e criação ao mesmo tempo, em unidade sagrada, da qual por revelações sucessivas, irão nascendo, separando-se ao nascer – o nascimento é sempre separação –, a Poesia em suas diferentes espécies, e a Filosofia (ZAMBRANO, 2000, p. 48).

Ainda sobre esse momento que vai do discernimento até a separação entre filosofia e poesia, Zambrano evidencia uma correlação de métodos e de percursos que deveriam mais que coincidir em uma prática de definições epistemológicas excludentes, criar e ampliar o pensamento humano na direção de uma força incomum irreduzível. Por isso Zambrano afirma que

[...] não se encontra o homem inteiramente na filosofia nem na poesia. Não se encontra a totalidade do humano em nenhuma dessas duas formas que inteiramente o reclamam. Na poesia encontramos o homem concreto na sua individualidade. Na filosofia, o homem na sua história universal, no seu querer ser. A poesia é encontro, dádiva, achado pela graça, resposta, embora se apresente como pergunta. A filosofia é busca, pergunta guiada por um método, ainda que ofereça e mesmo seja ela própria uma resposta (ZAMBRANO, 2000, p. 61).

De modo que é parte fundante do projeto filosófico de María Zambrano pensar questões referentes à proximidade e à distância entre filosofia e poesia ao dar ênfase à dinâmica de afetos críticos que se fazem ou que se esvaem quando há o encontro entre filosofia e poesia – e uma íntegra experiência híbrida de completude se faz com anseio de milênios –, ou quando persiste o desencontro e o mundo outra vez se revolve em um balbuciar binário – tique-taque – molas e mecânica do pensamento tradicional. Esses

dois momentos, para Zambrano, não são meramente excludentes. Na verdade, ambos se fazem e refazem. Por isso, a filósofa considera que a ação poética

deu lugar a atitude filosófica. Mas, por outro lado, vemos que na atitude que a actividade poética supõe se encontra já o antecedente necessário da atitude que dará origem à filosofia. Como sempre que de uma actividade humana nasce outra diferente, e até contrária, não é só da sua limitação, do que não chegou a alcançar que ela nasce, mas também daquilo que chegou a ser; do seu aspecto negativo unido ao positivo. E assim, a filosofia inicia-se do modo mais antipoético, por uma pergunta. A poesia, essa começa sempre por uma resposta a uma pergunta não formulada. Interrogar-se é próprio do homem, o sinal de que chegou a um momento em que vai separar-se do que o rodeia, qualquer coisa como a ruptura de um amor, como o nascimento (ZAMBRANO, 1995, p. 60).

O rompimento de um amor entre filosofia e poesia fez nascer que forma de pensamento? Um amor à sabedoria? Um amor à sabedoria sem amor? O único amor aceitável seria o amor ao conhecimento? Ou, ainda melhor, o único amor possível seria o amor platônico? Amor condenado a não se realizar senão na morte? Embora todas essas sejam questões subjacentes que nos levam a indagar mais sobre essa tensão entre filosofia e poesia e, mais ainda, sobre a razão poética, é certo que uma prática filosófica e *um filósofo* se fez com esse rompimento. E sobre esse filósofo de coração partido Zambrano faz intensas observações sempre considerando também o poeta. Primeiro, a filósofa afirma que “no poeta a vida é o sonho, e no filósofo o sonho é a inocência e a queda é o despertar para a liberdade. Nos dois, a liberdade, o único real” (ZAMBRANO, 2000, p. 116).

É notável que Zambrano aposta as diferenças no que há de comum entre ambos e que é, certamente para ela, algo de incomum – sem qualquer jogo de linguagem. A liberdade está no centro da crise das divergências, das diferenças, da proximidade e da separação dos dois seres, dos dois mundos. E com essa tal liberdade Zambrano busca outras categorias (vive/desvive) para pensar filosofia e poesia e, com as diferenças, aproximar o filósofo e o poeta. “O filósofo vive para diante, afastando-se da origem, buscando-se a “ele mesmo” na solidão, isolando-se e afastando-se dos homens. O poeta desvive, afastando-se do seu possível “ele mesmo”, por amor à origem” (ZAMBRANO, 2000, p. 119).

Trata-se, em termos conceituais, da superação do paradigma platônico de poesia. Zambrano desautoriza a dualidade de Platão quando não apenas admite os

poetas como também pensa filosoficamente uma relação entre filosofia e poesia de maneira tão incomum quanto contínua sem jamais perder de vistas as dimensões, as tensões e o limiar entre os dois fazeres. O resultado de tal procedimento é uma renovação original entre esses dois domínios, o filosófico e o poético, cuja confluência mútua deságua numa troca dialógica entre a linguagem poética e o pensamento não-binário. Ao abandonar hierarquias de conteúdo em favor de um livre-pensar que, justo por ser livre, também se faz livre-sentir, Zambrano coloca em prática, a um só tempo, uma metacrítica filosófica e uma crítica da realidade e da experiência humana que se faz com valores e afetos liberados. Portanto, a razão poética se constitui pela fusão entre filosofia, que é “encontrar a si mesmo, chegar, por fim, a se possuir. Chegar a se alcançar, atravessando o tempo, correndo, com o pensamento, mais do que o próprio tempo” (ZAMBRANO, 2021, p. 96.); e poesia, que é “fuga e procura, requerimento e espanto; um ir e voltar, um chamar para recusar; uma angústia sem limites e um amor estendido” (ZAMBRANO, 2021, p. 102).

Com tais movimento, talvez mais dialógicos que dialéticos, fica evidente que não se trata de um conceito tradicional, marcado unicamente pela razão filosófica predominantemente sistemática. O sistema filosófico, com Zambrano, inclui o que não é sistema. A razão poética admite o que não é razão, a poesia; e, igualmente, inclui o que não é poesia, ou seja, a filosofia. Zambrano aciona categorias como encontro e busca, pensar e sentir; e aciona também categorias opostas, como recusa, limite e angústia; mas que, dentro da razão poética, tornam-se complementares.

Dessa forma, a filosofia zambraniana alicerçada sobre o solo do exílio carrega signos incertos e inefáveis. Imerso em certo vazio e sem lugar, sob a sombra dos anéis de Cronos, o exilado tenta vislumbrar, não sem esforço, o horizonte a sua frente. É a partir desse não-lugar que Zambrano pensa questões bastante críticas que envolvem uma crise do Estado, da política, dos direitos humanos e escreve em tom confessional na “*Carta sobre el exilio*” que a experiência do exílio é definitiva:

ahora ya apenas al exiliado se le pregunta nada. Desde los más diversos y aún encontrados lugares surge una voz que con diversos tonos, según el sentir que la inspire, le dice simplemente: ¿Qué haces todavía ahí, qué estás haciendo? Lo que tendrías que hacer es volver, es decir, sal de ahí y vuelve. Y claro está que lo más importante en el ánimo de quienes lo dicen tan unánimemente, debe ser lo primero, que deje el exiliado el lugar donde está, que deje de ser exiliado. (ZAMBRANO, 2014, p. 08).

Talvez venha dessa condição a escolha pela carta como forma de apresentação filosófica. A carta é uma forma filosófica legítima. Vários pensamentos filosóficos são compostos por missivas, inclusive, parte da filosofia de Senêca, pensador que Zambrano conhece bem. Para a filósofa, “*toda carta tiene un destinatario, cuya presencia lejana o próxima posee la virtud de hacer que se deshiele el silencio, ese silencio que llega a ser a veces como una mortaja; entonces el escribir a ese amigo nos devuelve a la vida*” (ZAMBRANO, 2014, p. 01). A carta é o cordão umbilical que prende Zambrano a realidade, como afirma Amalia Iglesias Serna em sua carta aberta a María Zambrano:

Querida María. Quiero ahora escribirte esta carta para recuperar todas las que no te envié. Marina Tsvietáieva, que, como tú, era una devota del género epistolar, le dice en una de sus misivas a Pasternak: “El tipo de relaciones que prefiero es ultraterreno: el sueño, ver en sueños. Y en segundo lugar, la correspondencia. La carta. Una forma de relación ultraterrena, menos perfecta que el sueño, aunque regida por las mismas leyes. Ni uno ni otro llegan voluntariamente. Se sueña y se escribe no cuando lo queremos, sino cuando a ellos les apetece”. El sueño y la correspondencia que tan necesarios fueron en tu existencia. Nunca dejaste de soñar y creo que tu epistolario supera las mil cartas. En tu peregrinar por el mundo, de exilio en exilio, la carta fue siempre el cordón umbilical que te ataba a la realidad allí donde estuvieras (SERNA, 2004, p. 03).

A carta é justo aquilo que transita, aquilo que atravessa fronteiras e que, eventualmente, pode ser interceptado, apreendido ou até mesmo se perder. É considerado essa forma, no que ela tem de íntima e de particular; de destinatário e remetente, de quem partiu e de quem ficou, que Zambrano endereça as questões da filosofia, do exílio, da mística e da poesia. Escreve para mim, exilada na fronteira do sertão mineiro. “E dentro de mim ressoam suas palavras e seus silêncios” (SERNA, 2004, p.03). Palavras que alimentam meus sonhos e me acalmam como uma gota de chuva que suaviza a seca que, por aqui, nos assola. Um modo de resistência a um modelo de racionalidade que deseja exercer seu domínio sobre todas as coisas, e que, para tanto, é necessário expulsar a poesia e os poetas da cidade porque a poesia é indomável “*arisca e desterrada, dizendo aos gritos todas as verdades inconvenientes; terrivelmente indiscreta e rebelde*” (ZAMBRANO, 2021, p. 14).

A filosofia de María Zambrano apresenta a razão poética como um conjuro que abre as portas para a liberdade ao associar o ritmo do pensamento – a filosofia, com o ritmo do coração, a poesia. Uma rota de fuga que permite àqueles que necessitam de poesia e filosofia, escapar do “prestígio excludor” dos sistemas filosóficos e dos regimes autoritários.

BIBLIOGRAFIA

MENDONÇA, Ana Maria Bijóias. Vergílio Ferreira e María Zambrano ou uma estética do “exílio”. *Philosophica*, n. 23, 2004, p. 69-85.

MORÃO, Artur. Apresentação. In: ZAMBRANO, María. *Poesia e metafísica*. Trad. José Bento. Lisboa: LusoSofia, 2008.

MUÑOZ, Juan Fernando Ortega. *Introducción al pensamiento de María Zambrano*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

MUÑOZ, Juan Fernando Ortega. La unidad de filosofía y poesía en María Zambrano. In: ZAMBRANO, María. *Algunos lugares de la poesía*. Madrid: Editorial Trotta, 2007. p. 9-29.

ORTEGA Y GASSET, José. *El tema de nuestro tiempo*. Madrid: Alianza, 1994 (Obras Completas. v. III).

PLATÃO. *A República*. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004.

PLATÃO. *Fédon*. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004.

SERNA, Amália Iglesias. Carta abierta a María Zambrano. *Revista Letras Libres*, nº 19, 2004.

SILVA, María Guadalupe Zaralva. María Zambrano: figura de la vida y del pensamiento español. *Revista Internacional de Filosofía Astrolabio*, n. 11, 2010, p. 547.

ZAMBRANO, María. *A Metáfora do coração e outros escritos*. Trad. José Bento. Lisboa, Portugal: Assírio & Alvim, 2000.

ZAMBRANO, María. *Clareiras do Bosque*. Trad. José Bento. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água Editores, 1995.

ZAMBRANO, María. *Las palabras del regreso*. Madrid: Cátedra, 2009.

ZAMBRANO, María. *O homem e o Divino*. Trad. Cristina Rodrigues e Artur Guerra, Portugal: Relógio D'Água Editores, 1995.

ZAMBRANO, María. *Algunos lugares de la poesía*. Madrid: Editorial Trotta, 2007.

ZAMBRANO, María. Carta sobre el exilio. In: ZAMBRANO, María. *El exilio como patria*. Barcelona: Anthropos, 2014.

ZAMBRANO, María. *Filosofia e poesia*. Trad. Fernando Miranda. Belo Horizonte: Moinhos, 2021.